



SUA SANTIDADE PÍO XI
No 7.º aniversário da sua elevação ao Sóló Pontifício

Braga, 9 de Fevereiro de 1929

DIRECTOR E EDITOR

Joaquim Antonio Pereira Villela

Ilustração Catholica

COMPOSTA E IMPRESSA NA PAX -- BRAGA

NUMERO 355 — ANO VIII

PROPRIEDADE DA EMPREZA

DA «Ilustração Catholica», L.ª

Condições de assignatura da *Illustração Catholica*

(Pagamento adiantado)

PORTUGAL, MADEIRA E AÇORES :

Ano.	60\$00
Semestre	30\$00
Trimestre	15\$00

A cobrança feita pelo correio tem o augmento da respectiva despeza

ESTRANGEIRO E POSSESSÕES ULTRAMARINAS :

Ano.	80\$00
Semestre	40\$00
Trimestre	20\$00
Numero avulso	1\$50

*Toda a correspondencia relativa a assignaturas, deve ser dirigida á
Administração da ILLUSTRACÃO CATHOLICA — BRAGA*

Telefone, 212

A'S MÃES

Quereis ver os vossos filhos fortes e robustos ?

Dai-lhe durante o inverno a Emulsão «Figueiredo» preparada com oleo puro de figados de bacalhau e hipofosfitos de cal e soda. Recomendada por centenas de médicos como uma das que possui melhores propriedades tónicas e alimentares, tendo um paladar doce e agradável.

Á VENDA NAS PRINCIPAIS FARMACIAS E DROGARIAS

DEPOSITO GERAL:

FARMACIA FIGUEIREDO, L.^{da}

Rua de Cedofeita, 125 — PORTO

Casa das Carmelitas

TELEFONE 1614

ALMEIDA, GOMES & C.^A L.^{DA}

Completo sortido em artigos de merceria fina. Especialidade em chá e café
Rua das Carmelitas, 138 — Telefone 1614 — PORTO

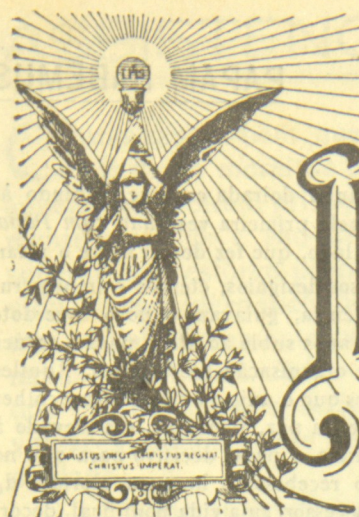


ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

CENTRO REGIONAL
BIBLIOTECA GERAL
Cota
15 11 2005
166E
UCP-BRAGA

REVISTA LITTERARIA SEMANAL DE INFORMAÇÃO GRAFICA

Director e editor, Joaquim A. Pereira Villela
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. dos Martyres da Republica, 89, 1.º
Propriedade da Empresa «Illustração Catholica».

Braga, 9 de Fevereiro de 1929

Composta e impressa na Tip. da «PAX»
BRAGA

Anno VIII — N.º 355

BRAGA



O ORATORIO DE N. SENHORA DA TORRE, PADROEIRA
DA CIDADE, E A TORRE DO COLEGIO
(Foto-Chic Aberto Marques)

Biblioteca Catholica Portuguesa
BIBLIOTECA
FACULDADE DE LETRAS
BRAGA

Foi ha sete anos. Estava de luto a cristandade porque o Papa Bento xv descera à placida mas fria região dos sepulcros. Os cardiais haviam acorrido ao conclave vaticano, e cuidavam, dias seguidos, em dar à Igreja um novo Pontifice, a S. Pedro o 260.º sucessor.

A seis de fevereiro abriram-se as varandas da grande sacada que encima o portico de S. Pedro, e o cardinal decano dos diaconos, surgiu, sobre a varanda monumental, da qual os bussolantes haviam feito pender tapetes de custoso preço, e arvorada a cruz pontifical anuncia à multidão que se apinha no vasto circulo delimitado pela colunata de Bernini, a grande nova que era, desde havia tres semanas, a expectação do mundo: — *Papam habemus!*

Mas a cruz pontifical não se retirou. O proprio Papa, Sua Santidade Pio xi, que pouco antes era simplesmente o cardinal Aquiles Ratti, appareceu, já revestido de candida roupagem, no alto da varanda donde, na forma ritual, fôra anunciada a sua eleição e à cidade e ao mundo concedeu, com largo gesto, a sua primeira benção pontificia.

Papam habemus! foi o grito que ecoou, num momento, por toda a terra. Temos Papa! E os corações vibraram de entusiasmo porque a criação — é o expressivo termo do direito ecclesiastico — a criação do Papa, é uma efusão do Sangue Divino, é a continuação do cumprimento das promessas do Senhor, que prometeu não prevalecerem jámais contra a sua Igreja as portas do inferno.

Papam habemus! E' o Pontificado uma espiritual paternidade, que isso significa o termo, uma espiritual paternidade, que perpetua a Igreja. E esse amor inefavel de pura caridade, com que o Supremo Hierarca abraça todos os países e raças, todos os povos e nações, sendo a característica da suprema Sé apostolica, é tambem o transumpto da sua missão eterna: *pasce oves meas, pasce agnos meos.*

E' por isso que são festas nossas as festas do Pontifice. Festas de familias, que toda a gloria do Pontificado reverbera para a Igreja universal, aureolando-a de luz e de fulgores inenarraveis. *Papam habemus!* E com o Papa, como condição essencial, são celebradas todas as missas pelo orbe cristão, desde as geladas latitudes polares às torridas comarcas da Etiopia. A Igreja, espalhada por toda a terra reencontra a sua unidade no fulcro adamantino em que gira na maior harmonia, a sua indefinida variedade... *una cum Papa nostro.*

Ora é duplamente festivo este momento, — e solene que ele é! — da historia da Igreja. Solene porque neste dia se comemora o setimo aniversario da criação do Pontifice actual presidente na Igreja de Deus; solene porque este ano é eminentemente pontificio, que S. Santidade celebra o 50.º aniversa-

sario daquela manhã doirada em que, subindo às aras, sacrificou pela primeira vez, *una cum Papa,* o Cordeiro Imaculado, que fez descer sobre o altar,

Os misteriosos designios, eternos e imprescrutaveis da Providencia, guiavam o novo sacerdote que ha cincoenta anos subia ao altar, para o erguer até à cuspide da organização hierarquica. Aquiles Ratti, pouco antes que o anjo da morte viesse colher o illustre Pontifice da paz, Bento xv, era elevado à purpura cardinalicia, o passo decisivo para que no momento proprio recebesse a herança gloriosa do seu augusto Predecessor, cuja vida pontifical, decorrida no meio do fragor da Europa incendiada por dissidios, foi toda uma extraordinaria efusão de caridade, um anseio de paz.

E' o ano jubilar de S. Santidade. As comemorações festivas que esmaltam de galas o dia 6 de fevereiro, tem este ano maior brilho, e mais suave colorido as flores de que se adorna a Igreja. Na alta Idade media, quando a liturgia absorvia toda a vida social, influenciando todas as manifestações da civilização, impregnando-as do seu aroma, dando-lhes as suas características, a lira cristã brotava hinos suaves de mimoso grecismo, e para os convívios da Pascoa tecia louvores que ressumavam o espirito da festividade ritual. A grande Pascoa, a Pascoa santa, a Pascoa nobilissima inspirava à Igreja ternos acentos de incomparavel lirismo; temos presente um desses livros arcaicos, redigidos quando a lingua liturgica não era ainda a latina, mas a grega, hino composto de-certo após a exaltação de algum Pontifice. O seu ultimo verso, é um apelo a Cristo em favor do *sponsus Ecclesiae*, do Esposo da Igreja como então era designado o Pontifice: — «Protege ó Cristo, o nosso novo Papa!»

No velho papyrus ha uma emenda interessante. Os anos passaram, e a cadeira de Pedro continuou occupada pelo mesmo Pontifice... quantos anos? não sabemos, que não está datado o velho papiro. Mas não era já proprio chamar-lhe «novo» Papa. O mestre da escola que cantava as formosas laus, riscou o hemisliquio, e o substituiu por outra formula: «Protege, ó Cristo, o bom Papa de Roma!»

Vão sete anos passados do Pontificado de Pio xi, ainda talvez poderemos cantar, nos formosos hinos medievais, o «novo Papa» que parece transcender a eterna juventude da Igreja. Mas neste dia festivo, em que Portugal celebra, por uma já arreigada tradição, com o concurso dos Altos Poderes do Estado, em magestosa sessão solene o aniversario da eleição pontificia, são nossos votos e de todo Portugal que Pio xi veja, e ultrapasse os dias de Pedro, e por dilatados anos a mistica esposa cante como hoje canta: *Dominus conservet eum et vivificet eum...* Que o Senhor O conserve e Lhe dê vida...

COMPREENDO bem que todos têm o dever moral de prestar auxílio àqueles que sofrem privações excessivamente pesadas e são incapazes de as superar pelo esforço próprio, e sem dúvida me considero incluído nesse dever; mas sou absolutamente contrário às esmolas individuais dadas a desconhecidos na rua e ainda mais aos sistemas vulgares usados a este respeito pela sociedade.

Certamente acode-me muitas vezes ao espírito que todos somos filhos do mesmo Deus e todos temos, por isso, direito de gozar as suas riquezas com sábia equidade, segundo o nosso trabalho e até de harmonia com o nosso talento. Sem contestação, uma completa igualdade na partilha dos bens da natureza, é, na prática, inteiramente impossível e é mesmo muito difícil encontrar um sistema social que possa produzir maior felicidade comum e mais completa igualdade do que têm sido produzidas pelos sistemas mais perfeitos até hoje encontrados.

Não obstante, é sem dúvida, muito lamentável que alguns nasçam extremamente miseráveis e sejam criados na mais lancinante penúria, enquanto outros nascem insolentemente ricos, são criados com luxo provocantemente ostentoso e atravessam a vida no meio do conforto e do prazer sem qualquer trabalho, sem o mínimo constrangimento. E', por conseguinte, absolutamente necessário minorar esta injustiça. Quanto a mim, sou e fui sempre obrigado a trabalhar, e intensamente, para manter uma vida com certo conforto e a indispensável decência; no entanto, sinto uma grande compaixão por inumeráveis vítimas da miséria e muito me rejubilaria em observar uma conveniente organização para assistência deles e em pagar a minha justa quota. Parece-me que cada aldeia e cada cidade devia sustentar os seus pobres, dando-lhes cama e meza em edifícios comuns sem que lhes re-

cusasse por esta circunstância uma liberdade razoável.

Para este efeito haveria comissões que examinassem as circunstâncias dos pretendentes à assistência e repartissem, proporcionalmente os recursos individuais, a despesa resultante pelos habitantes da respectiva área.

Por esta forma deixaria de haver falsos pobres, e preguiçosos verdadeiros, pelas ruas, nós ficaríamos livres do repugnante espectáculo oferecido por muitos mendigos, alguns destes podiam ainda executar alguns serviços e ninguém morreria de fome.

E eu creio bem que esta assistência não seria pesada em excesso, talvez nem mesmo mais onerosa do que aquela que se vai realizando ao presente, mas com grande irregularidade na distribuição dos encargos e na difusão dos benefícios. Ao menos esforço-me por evitar esmolas indevidas e dou o que posso, só a pobres conhecidos ou a corporações de confiança.

A. F. BOTELHO.

TEOREMAS DE PLATÃO SOBRE A AMIZADE

A verdadeira amizade difere muito do amor carnal e imundo.

As amizades que começam na infancia são, ordinariamente, duradouras.

A amizade cifra-se na uniformidade dos animos e estudos, e na comunicação de muitos objectos. — Não dá entrada à inveja.

O principal dever do amigo sincero é condenar francamente os vícios do outro amigo, sem os dissimular.

Entre os amigos deve haver mutua e irresistível inclinação, porque não há amizade quando só um ama.

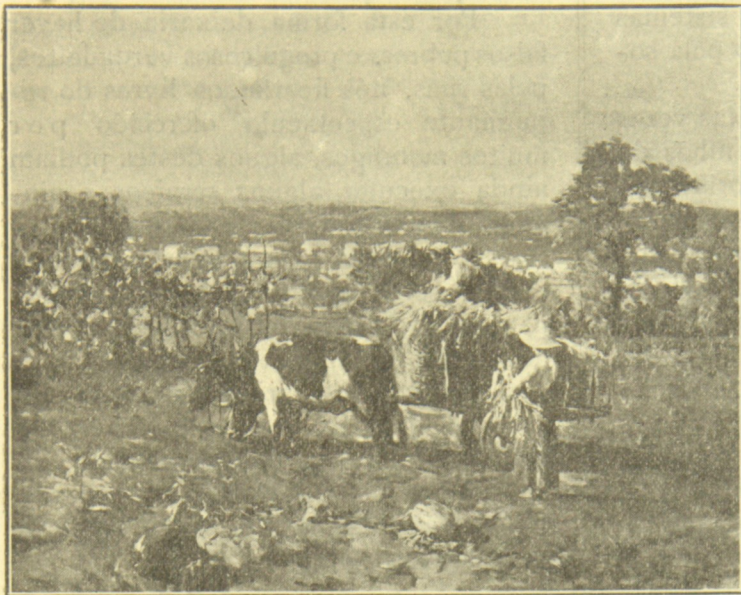
As causas que formam a amizade são a união e similitude de costume: — d'aqui nasce a igualdade de pensar e a igual inclinação para os estudos.

Só entre os bons pôde encontrar-se a uniformidade que liga os corações. — Os ímpios e injustos não teem união nem estabilidade — não encontram concordancia nas consciencias, porque os não guiam nem moderam as regras da razão e da justiça. A verdadeira amizade só existe entre os bons, e nunca entre os malvados.

Deus introduzindo entre os homens a necessidade, uniu-os assim pelos vinculos do amor, e foi este um meio poderoso de os conservar reunidos em sociedade.

TENDO falado muitas vezes no Salão Silva Porto, ainda não vos disse nada a respeito dele. Vou hoje fazê-lo. Tarde, talvez... mas, mais vale tarde que nunca.

Na rua de Cedofeita, da cidade do Porto, ha um grande estabelecimento



NO MINHO — Quadro de Fausto Gonçalves

de mobiliario antigo, que é mais uma exposição permanente de antiguidades e raridades, do que outra qualquer coisa. Pois bem, pela iniciativa dos seus proprietarios, um, que é um afincado colecionador de coisas de arte, outro que é um artista de valor e de empreendimento, construiu-se um amplo salão, cheio de luz propria, para exposições de Arte, onde teem vindo expor com vantagens, como em nenhum outro, successivamente os seus quadros e as suas esculturas os artistas portuguezes e brasileiros. Como consagração á memoria do grande mestre morto, o maior paisagista portuguez, os seus proprietarios denominaram-no de — Silva Porto.

* * *

Coube agora a vez a Fausto Gonçalves de ali nos apresentar os seus tra-

balhos. Vimos agora de lá e trazemos na retina uma sinfonia de côres, que nos perturba o espirito consoladoramente, como nos poderia ter perturbado uma peça musical de Berorchestrada.

Fausto Gonçalves, faz, com o pincel a apologia da nossa terra portugueza, animada de figurinhas de mulher, ora ao ar livre, ora na unção religiosa, (mas, não mística), como um poeta poderia ter feito pequenos poemas bolicos, da nossa terra portugueza.

O pintor poeta vivendo, na sua peregrinação artistica, a vida campezina dos lavradores, teve ocasião de transplantar para a tela os encantadores retalhos dos sitios por onde passou, com a alma cheia do desejo de realizar uma bela e grande obra.

E, faz então em detalhes graciosos de verdade quadros em que agrupa homens e mulheres, que se mecham

com vida e animação, como se vivos fossem. Neste caso estão o *Mercado em Ceia* e o *Ultimos feirantes*.

A vista fotografica do pintor, impressionou bem a dentro do seu cerebro de verdadeiro artista o motivo da paisagem ou do quadro a executar, e passando-o assim para a tela, por meio dos seus pinceis e das côres combinadas das suas tintas, realisou trabalhos que são verdadeiras maravilhas.

Em todos os quadros expostos, que são trinta e dois, ha talento, ha sciencia, e ha execução consciente e proficiente. Cital-os todos, não, porque, como tenho dito já muitas vezes, estes meus artigos não são criticas a quadros, são apenas a nota momentanea para registrar a passagem artistica dos pintores ou escultores sob a minha vista, e por isso apenas indico os que mais fundo

me impressionam. Nestas circunstancias frisarei os — No Minho. — A escada florida. — O idílio da agua. — No soalheiro. — A ultimas lavadeiras, etc.

* * *

Noto neste artista uma perdileção especial e muito pronunciada pela côr azul. Todos os seus trabalhos são intencionalmente tocados nesta côr, o que em meu entender não é um erro.

Está-se dando pois, com ele, o mesmo fenomeno, que se deu com o pintor Joaquim Lopes, quando da sua ultima exposição, sendo porém, neste a côr predominante o amarelo.

Fausto Gonçalves que eu já conhecia de outras exposições, como um pincel audaz e notavel, e de quem ainda ha pouco tempo vi quadros no Muzeu Grão Vasco, de Vizeu, não se apresenta só como paisagista, com paisagens animadas de figuras, traz á exposição tres quadros interior de igreja, que são adoravelmente belos... Que respeitosa unção eles nos imprimem na sua meia luz suggestiva e catequisante!... Eu, confesso, senti-me pequeno diante deles.

O Na vespera do noivado é um verdadeiro poema de ternura, de crença e de fé. E, como este, estão o As Ave-Marias, e o Hora Mistica que são soberbos.

* * *

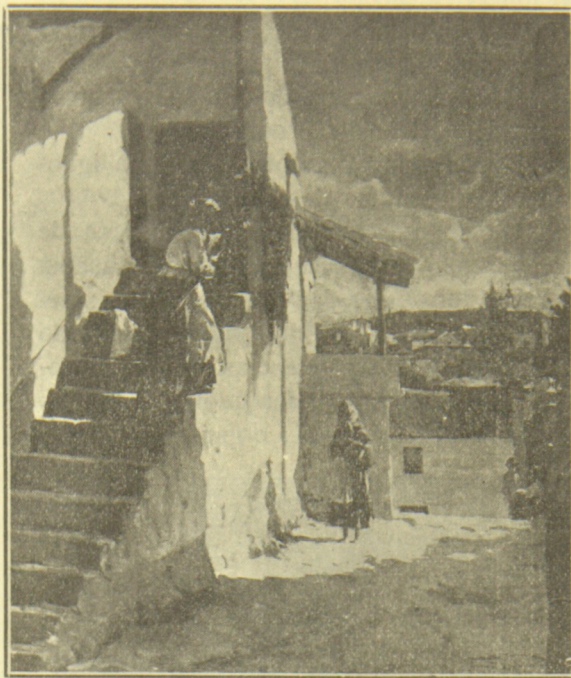
Para alguns maldizentes, o tom azulado, dos seus trabalhos, de que fiz referencias a cima, ha-de ser motivo para estes lhe darem ferroadas. Mas só poderão mordel-o os que são incapazes de fazer o que ele faz.

E eu digo isto, porque já ouvi dizer a um visitante da exposição, que quem pintava com tanto azul, era por força talassa!... Veja lá o leitor, que critico!... e que observador!...

O que eu sei, é que a dentro dos seus trabalhos expostos, vê-se uma grande soma de trabalho, uma perfeita obra de desenho, de anatomia, de prespetiva e de verdade.

Quando apoz o esforço feito para realisar uma obra, o artista consegue

levar a cabo o seu objetivo com honestidade, o com consciencia, deve orgulhar-se de ter contribuido para o bom



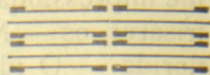
NO SOALHEIRO — Quadro de Fausto Gonçalves

nome da sua Patria, da sua terra, e da sua Arte. E Fausto Gonçalves que é um novo, mas que tem o seu logar marcado entre os pintores portugueses, merece de todos os que tem culto pela pintura, o nosso aplauso e a nossa consideração.

Janeiro de 1929.

ANTONIO DE LEMOS (Alvaro)

O Monstro de Florença. — Nasceu nesta cidade, capital da Toscana, e no século XVI, um monstro humano, com quatro mãos e duas cabeças: eram, por assim dizer, dois homens pegados um ao outro, mas com parte do corpo comum a ambos eles. Assim viveram mais de vinte anos. O que porém neles havia de mais extraordinario, e ao mesmo tempo de mais desgraçado para ambos, eram as vontades desencontradas que tinham na mais pequena cousa. Diferentes em tudo pareciam tambem as suas naturezas: se um ria, o outro chorava; se um queria dormir, queria o outro estar acordado; eram, numa palavra, a perfeita imagem da maior parte dos casados!...



QUEM entre nós, desconhece a influencia maravilhosa da imprensa?

Quem não pasma de assombro, ante o seu desenvolvimento prodigioso?

Negá-lo, seria exhibir a maxima ignorancia em assuntos desta natureza.

De feito é poderosa a sua força de acção e não reconhece limites sua ousadia infrene: introduz-se no palacio do rico; penetra no casebre sordido e nauseabundo do indigente; avulta ocorrencias; invectiva desordeiros; estimula o desenvolvimento das letras, artes e sciencias; organisa partidos;



NA VESPERA DO NOIVADO

Quadro de Fausto Gonçalves

veícula opiniões; faz baquear governos; promove descabros formidandos.

Mas para que tanto manifestar o seu influxo no mundo contemporâneo?... Ninguém o ignora. Qualquer idéa, por mais noble e alevantada, qualquer empreendimento, ainda o mais grandioso e sublime, jamais atingirá o seu objectivo, se, como veiculo da sua expansão, não tomar a imprensa... E' factio superabundantemente reconhecido.

Mas, se por um lado somos levados pela evidencia dos factos, ao reconhecer o predomínio da imprensa sobre os demais

actores de opinião, com não menos certeza nos vemos obrigados a sustentar ser ela espelho o mais fiel, dos ideais das pessoas a quem serve.

Num relancear da vista sobre o nosso paiz, observamos com tristeza que os católicos descuram na sua quasi totalidade, o dever de assinar os seus órgãos; porquanto, alimentados por eles, vemos florescer órgãos, onde pululam idéas, senão retintamente opostas aos seus principios, ao menos capazes de abalar consciencias, ainda as mais solidamente alicerçadas no catolicismo.

Mercê desse auxilio, ela prospera assustadoramente, enquanto a sua, se vê a braços com os maiores obstáculos, para desalojar desse campo o inimigo, onde, já há muito, assentou arraiais.

Dessa attitude inferir-se-há com toda a lógica «que eles — os católicos — sustentam com disvelos os jornais impios e imorais, e que todavia se envergonham de comprar, ler, e mostrar em público os seus órgãos».

Mas, ocorre perguntar, amarão deveras esses católicos a sua crença, eles que sobre maneira actuam na sua destruição?

E'-nos familiar um erro, principio-base de todo o sistema religioso de inteligencias apoucadas, segundo o qual a acção da Igreja deve restringir-se aos muros do templo, podendo a sua acção externa apellar-se com justiça um abuso atentório da liberdade social.

Talvez esses católicos professem identico sistema, defendendo que a religião apenas deve obrigar os seus adeptos a acatarem-lhe os preceitos, adentro dos muros do templo, podendo, em tudo o que respeite á sua acção externa, subtrair-se ás suas ordens.

Nada mais falso; são horribeis os efeitos de tal principio. Em nenhuma outra parte como em França se fez sentir tão alarantemente o fruto de tal erro, lá onde a imprensa é, na sua quasi totalidade, neutra ou sectaria.

De util que lhe adveio, da propaganda laicista por ela tão proficuamente sustentada?... a incredulidade alastrando, a natalidade decrescendo, o bolchevismo corruindo.

Mas não espraíemos tanto ao largo a nossa vista; deixemos que ela observe o que se tem passado em Portugal, onde semelhantemente a opinião publica é por ela dirigida: as invectivas aos conventos, padres, catolicismo, etc. por ela efectivada, são dardos certos, gumes atroses, que na ocasião oportuna se vão cravar nos peitos para que foram dirigidas; a sêde ávida de prazeres tão profundamente arraigada na sociedade contemporânea, nomeadamente nos grandes capitalistas, comunicou-se ás baixas camadas, que não dispoendo de dinheiro, com que satisfazer os seus appetites, lançam mão da imprensa, tornando-a arauto o mais arrogado, defensor o mais acerrimo dos ideais, cuja fonte corre abundante naquelle «edeu parasidiaco» vermelho; e um sem numero de muitos outros sintomas, de uma sociedade morbida e decadente que nos fazem evocar horrorisados, os asquerosos tempos de Roma, resvalando para o abismo, onde por muito tempo estrebuxou nos paroxismos lentos duma agonia horrivel; são outros tantos que nos levam a temer seus perniciosos efeitos, quando mal dirigidos.

Se entre a luz não tivéssemos a precognisar-nos o mal, originado da imprensa sectaria deviamos dar crédito aos gritos de alarme de que os grandes homens se fazem eco, homens cuja vida passou entre a sociedade, observando-a por um prisma singular, qual era da sua intelligencia arguta e perpicaz, — onde então, como hoje, imperavam os conceitos do mau jornal.

E' Veillot e Mons. Freppel, que num arranco d'alma atribulada escrevem, um, equiparando o efeito do bom jornal ao do sangue vertido pelos martyres, no decorrer dos séculos, outro cognominando-o um verdadeiro apostolado.

A tinta dos bons jornais, exclama o primeiro, é semente de cristãos, como o era o sangue dos martyres. E prossegue o segundo: «Os escritores corajosos, que defendem pela imprensa as nossas santas crenças contra os ataques da incredulidade, fa-

zem um verdadeiro apostolado e é dedicar-se á religião o sustentar e espalhar folhas em que se defendem os interesses da fé».

Mas não se restringem a Veillot e Mons. Freppel as palavras a tal respeito; é a Igreja falando pelo imortal Leão XIII, que na sua linguagem de fogo, incentivo: «Toda a nossa aspiração deve ser o fundar o maximo numero de orgãos católicos, sendo possivel diarios».

Sua Santidade Pio X, então Patriarca de Veneza, exclama: «Se para sustentar a defeza — periodica local — fôr necessario vender as minhas alfaias, fá-lo-hei jubiloso, uma vez que ela vingue a sua existencia».

São inumeros os testemunhos visando o mesmo assunto; escuso-me porém, de os mencionar, porquanto o assunto versado, é de tal sorte intuitivo, que ainda mesmo intelligencias rudes, conseguem penetrá-lo.

Nada mais lógico: a não assinar os nossos orgãos por dever de consciencia, assinemo-los ao menos por proselitismo!!

Nada mais repugnante do que insistir continuamente sobre o dever dos católicos para com a imprensa e eles... fazem ouvidos de mercador!!

Pretensas desculpas

Não estamos para assinar farrapos, gritam uns.

Evidentemente esses que assim se expressam, falseam a verdade, porquanto, hoje como sempre, a imprensa católica não deixa nada a desejar á demais; no entanto, dada a hipotese de que efectivamente assim era, mais obrigação assim tinhamos de a assinar, porquanto é nas horas criticas, em que mais periga a sua existencia, que ela carece do nosso auxilio.

Se de facto os nossos orgãos, fossem uns farrapos era sobre nós, que pesavam as responsabilidades de eles se apresentarem dessa sorte á luz da publicidade.

Quem são os leitores dos argãos jacobinos?

Neste paiz, de 6.000.000 de habitantes, na sua quasi totalidade católicos?...

Ponham esses católicos a mão na consciencia e ponderem a triste scena, que vem representando!!

Se privarmos a imprensa jacobina do nosso concurso, em breve lutará com idênticas dificuldades; mas, se persistir, apresentando uma vida desafogada, expliquemo-la, evocando aquele passo do Evangelho, em que Jesus Cristo consternadamente profetisava: «os filhos das trevas são mais diligentes que os filhos da luz»; augurio este, que nós vemos realizar-se através dos

dele formidando o trovão, da ruína e alastre raivoso o incendio da destruição, nós, que no Além, aspiramos fruir uma felicidade eterna!

Hoje em dia o cristão desconhece, senão teoricamente ao menos na pratica o que seja o sacrificio. Oh! voltasse a domina-los na propaganda da sua crença, o mesmo ardôr, que outrora fez martires e santos e veriamos jubilosos Portugal redivivo, singlar arrojado o mar revolto, em demanda do Infinito!!

Não distendamos porem tão universalmente a nossa asserção. Alguns ha, raros todavia, que ainda olham carinhosos a sua imprensa; é indispensavel que o seu numero cresça, para que o bom jornal em tudo sobrepuje a má imprensa!

Portugal com os seus crimes, atraiu sobre si castigos sem numero; precisa recristianizar-se, vestir a túnica do Salvador, carregar afouto o madeiro dos seus crimes, para os expiar no calvario da penitencia!

Carecemos de apóstolos que no púlpito, no jornal, no teatro, mormente porém na imprensa, iniciem essa obra de ressurgimento, urgentissima, inadiável!!

Arma poderosa, a imprensa, na mão dos adversários, como veiculo de seus maléficos intentos, tornar-se-há, em breve, se assim o quizermos, um dos meios preponderantes neste campo de saneamento moral.

Católicos, prezais a vossa crença? Envidai todos os esforços para torna-la conhecida dos vossos inimigos! Tal é a pedra toque, por onde se reconhece o vosso amor para com ela!

Se eu não reconhecera que estou a falar no deserto bradar-vos-hia, como Antero: «Ou católicos ou não; se católicos, cumpri o vosso dever; se não católicos, não queirais ludibriar os demais, porquanto sois vós os ludibriados!». Mãos á obra, arrojados, decididos.

Mais uma cruzada em prol da religião e da Patria!

Deus o quer. VAZ DE CASTRO.



TERMAS DO GEREZ — Uma das nascentes

séculos, surgindo constantemente de suas ruínas fumegantes, como o remorso de consciencia teria a relembrar-nos o mal perpetrado.

De feito vêmo-los dispenderem somas incalculaveis, rios de dinheiro, não esperando outra recompensa, que não seja a de os outros partilharem aspirações congêneres das suas, enquanto nós dormitamos solentemente, deixando que a largo estron-

A CRÉCHE DE BRAGA



Conforme aqui referimos, a benemerita instituição creada em Braga pelo simpatico e zeloso sacerdote rev. conego Novais e Souza — a Crèche de Braga — instalou-se no dia 6 de Janeiro passado, na sua nova casa, á antiga rua dos Congregados, a casa que em tempo serviu de asilo ás Missionarias de Maria.

A solenidade que revestiu a transferencia da antiga casa para a sua nova instalação, das crianças da Crèche, foi duma imponencia grandiosa.

Houve uma procissão em que tomaram parte as varias corporações de Braga e em que as meninas da Crèche receberam, como o seu benemerito director, as ovações e os bons olhares desta população bracarense, dedicada á mesma instituição.

Foi um dia de verdadeira festa a aquele memoravel domingo de 6 de Janeiro.

Ficará perpetuado no espirito das crianças e no animo deste bom povo.

E' que a Crèche, de que falamos é, incontestavelmente, pelo seu alcance moral e material, uma obra das mais simpaticas de Braga.



A fronteira do edificio da Crèche



O aspecto da procissão na sua passagem na Avenida Central

No Outono da Vida

Dialogo íntimo

Sala confortavelmente mobilada de solar provinciano.

Isabel — Senhora de 50 anos, trajando á moda mas com muita singeleza; cabelo já com bastantes brancas penteado com distincção mas simplicidade.

Luiza — 51 anos. Muito elegante mas com certo exagero. Trajo de viagem. Penteado, chapéu e apresentação proprias duma menina nova ou de senhora que procura ocultar a idade.

* * *

Isabel — (Dirigindo-se affectuosamente a Luiza que acaba de chegar de Lisboa) — Minha querida Luiza! Ha quanto tempo nos não viamos!

Luiza — (Pensativa e triste) — E' verdade Isabel. Como ele passa veloz! Parece que ainda hontem brincavamos ambas e corriamos pelos prados apanhando flores e caçando borboletas; — lembraste?

Isabel — (Alegre) — E hoje, Luiza, com igual prazer os percorremos; se não correndo, passeando; e se não perseguimos as pobres borboletas que já não adejam no Outono, podemos ainda

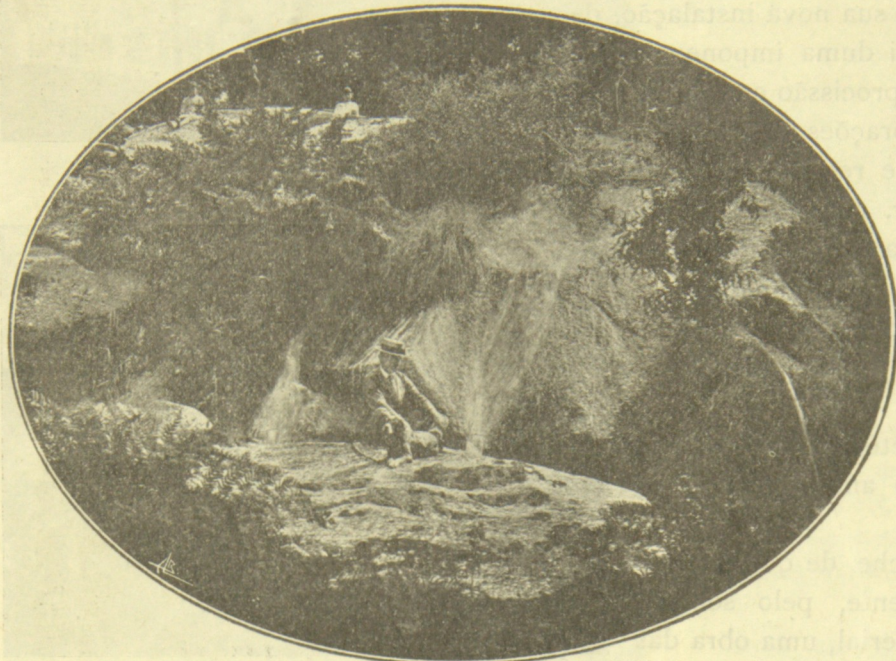
colher flores, que em todas as estações desabrocham.

Luiza — (Com magoa) — Flores do Outono... Para que apanha-las?

Isabel — (Sorrindo) — Para as admirar e gozar como as da Primavera se gosam e admiram.

Luiza — (Sempre triste e pensativa) — São tristes e frias, como o Inverno cuja aproximação anunciam.

Isabel — São viçosas e belas como a bela estação que engrinaldam.



VIEIRA DO MINHO — Freguezia de Pinheiro — A cascata dos Avidagos, em tempo de seca

Luiza — (Surpreendida) — Então amas o Outono, precursor do Inverno?!

Isabel — Como aprecio e admiro o Inverno, com todos os seus encantos.

Luiza — (Com admiração) — Dize-me, Isabel, como é possível apreciar-se o Inverno a ponto de lhe encontrar encantos?!

Isabel — Como é natural sentirem-se os atractivos da Primavera, com todas as suas belezas.

Luiza — Mas só na Primavera a vida palpita com o suave atractivo da mais doce poesia que se exhala no perfume das flores e que o mimoso gorgoejo das avezinhas traduz.

Isabel — Não esqueças, Luiza, que todas as estações têm o seu próprio tempo, as suas vantagens e os seus encantos próprios.

Luiza — Por completo desconheço os do Inverno, com a Natureza morta, envolta na sua mortalha de neve!

Isabel — Morta a Natureza no Inverno?! — Que ilusão a tua, minha pobre amiga! Pois não sabes que na arvore, sob a neve que em alvos flócos lhe pende, por vezes, dos ramos esguios,

despidos de folhas, de flôres e de frutos, circula abundante a seiva que a alimenta e vivifica?

Luiza — (Com desalento) — E' uma vida que se não vê.

Isabel — Mas sente-se — porque sem ela não desabrochariam as flores que fazem o encanto da Primavera; não se desenvolveria a folhagem exuberante que em pleno Verão nos

refresca e abriga contra os rigores do sol; nem amadureceriam os saborosos frutos que o Outono nos traz.

(Continua)

MARIA DA CONCEIÇÃO FONTES.

A Torre de Murcia

Fica próxima à catedral, e é muito notável, tanto pela sua altura e circunferencia, como por um caminho interior, tão suave, que se pode subir por ele acima a cavalo, e até de carruagem.

Ilustrou-se a cidade de Murcia na idade média por sua inalterável fidelidade ao legítimo soberano Afonso X, quando todos os estados de Castela se haviam declarado a favor de D. Sancho, seu filho, usurpador da corôa.

FIDES

Baixou dos céus, desceu ao tormentoso vale

Trazendo por aureola a luz celestial.

Rebrilhavam suas vestes de cristalina alvura

A face era risonha, e candorosa e pura.

— *« Mortais que vacilantes no trilho invio e adusto*

Perdidos caminhais à mingua de robusto

Braço amigo que ampare, proteja e vos conforte

Vinde a mim, oh! não temais, do céu eu sou o norte.

Buscais a luz serena, brilhante, da verdade

Que ilumine em seus humbrais — enigma — a eternidade?

Recebei-me por guia: eu sou o amparo amigo

Eu sou luz protectora e que afasta o perigo».

Falou assim; trazia a veste mais nitente

Que o diamante ferido pelo sol refulgente.

E escrito em letras de oiro, do coração ao pé

Brilhavam duas letras — só este nome — FÉ.

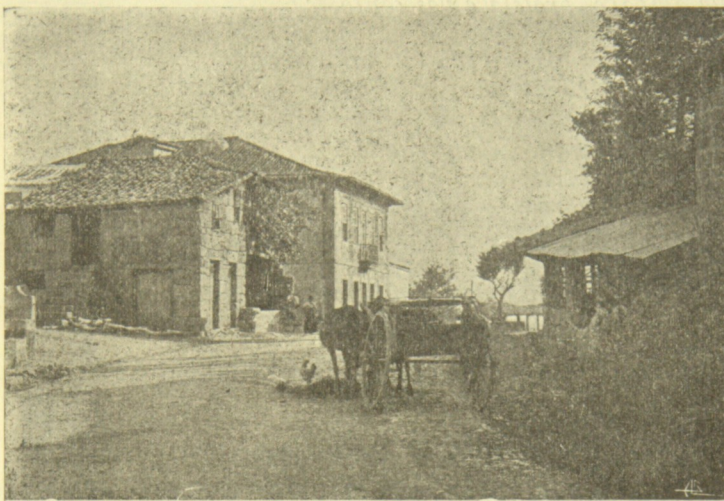
Alcyon.

I

TEM-SE falado muito, e com suavíssima ternura, do Anjo de Lisieux, que passou na terra como uma cotovia de ouro, sempre ansiosa de subir ao céu.

E eu lembro-me, também, da chuva de rosas, do T feito de estrelas na altura azul do firmamento, dos entretenimentos dos Buissonets, das penitências do Carmelo, de tudo aquilo que foi a vida de Santa Teresinha.

Mas logo a par, surge-me a fisionomia extraordinariamente edificante de Elisabeth Leseur, com todos os seus combates, todos os seus sacrifícios e toda a sua vida intelectual.



VIEIRA DO MINHO — Freguezia de Penedo

Educada católicamente, E. Leseur tem a desventura de casar com um materialista possuído das tórbidas tendências desenfreadas que escalavraram o pensamento do século XIX.

O seu espírito, num desvairo momentâneo, perde-se na *selva escura* das ideologias românticas. Depois de, por meio de «leituras e pressões» a fazer entrar no protestantismo liberal, donde facilmente avançaria para o campo do agnosticismo radical, o Dr. Félix Leseur, um pagão e um ateu, lança-lhe ao

regaço, maléficamente, a *História das Origens do Cristianismo*, de Rénan.

Rénan era o feiticeiro da linguagem, o «hierofante» dum sistema que punha o universo a caminhar para a Perfeição fóra de qualquer direcção inteligente; para quem Deus era uma categoria do pensamento; para quem a ciência valia mais do que a Religião.

Ora imaginava o Dr. Leseur que a obra terrível daquele grande «mestre de erros» seria um estilhaço fatal contra os últimos alicerces da fé de sua esposa.

Mas Elisabeth Leseur, como as afamadas poetisas Sigêas e Joana Vaz do Quinhentismo em Portugal, era uma intelectual erudita que vivia da razão e pela razão.

Depressa reconheceu as sombras de morte, que eram a hesitação, a insustentabilidade de hipóteses e o requinte da hipocrisia literário crítica do historiógrafo apóstata.

Elisabeth Leseur, resuscitada na sua crença antiga, entrega-se com ardor, ao estudo da Religião.

E, de tal maneira forma a sua mentalidade que chega a desafiar o orgulho dos cientistas e os deslantes invencioneiros dos lentes da Sorbonne.

Era uma apaixonada pela leitura. No silêncio, quasi de templo, do seu quarto de dormir, nos bancos floridos dos canteiros de Paris, nas suas jornadas, tão frequentes, pela aldeia em manhãs de púrpura radiante ou à hora mística dalgum consolante fim de tarde, Elisabeth Leseur lia, lia, com a alma em resa, até magoar os olhos de encontro às folhas dos seus livros queridos.

Amava o contacto dos génios, de que nos fala o P. Sertillanges, numa obra sobre o espírito, condições e mé-

todos da vida intelectual, como também amava o convívio das montanhas, aonde não chegasse a poeira turbilhante das estradas, nem o bafo adurento dos pântanos.

E, com o contacto dos génios, fôsem êles Platão ou Job, Horácio ou S. Paulo, Santo Tomás ou Dante, a sua alma entrava toda em vibração cada vez mais alta e cristalina, cada vez mais pura e espiritual.

JORGE : DO : SANTO : GRAAL

Os inimigos do Papa

Segundo a confissão dos próprios adversários, Pio IX era tam bom, tam popular, que não é possível explicar a raiva e o ódio de certos homens contra tam bom pai, sem uma intervenção do inferno, que não lhe podia perdoar a sua firmeza em ensinar e defender a doutrina e os direitos da Igreja, e a gloria que ele tinha tributado a MARIA pela definição dogmática da Imaculada Conceição. Mas DEUS não abdicou, e de tempos a tempos a sua justiça ostenta-se, ainda neste mundo, dum modo terrível. Durante muito tempo, publicaram varias folhas italianas, sob o titulo de «*Acidentes que o não são*», uma longa série de factos do género do que vamos referir, que se acha mencionado no *Bom Pastor* de Napoles. «Um habitante de Francavilla, provincia de Lecca, animado dum sacrilego sentimento de desprezo para com a sagrada pessoa do Papa, dera a um seu cão o nome de *Pio IX*.

No mez de Julho, encontrando-se só em seu quarto, chamou o cão, para se divertir como de costume, e fê-lo estar de pé, como um soldado, junto da parede.

Emquanto irreverentemente zombava do soberano Pontífice, o cão, como indignado de tal insolencia,

tornou-se furioso, saltou ao dono, ferrou-lhe os dentes na garganta, atirou-o ao chão, e desapareceu. O desgraçado mal pôde gritar por socorro. Estava inundado de sangue. Sua mulher e filhos, acudindo aos seus gritos, obtiveram de sua boca a narração do successo, que ele com custo pôde proferir. Em seguida, morreu sem haver recebido as consolações da religião». Se foi obra do acaso, muito inteligente e poderoso deve ele ser.

Outros exemplos:

Na Chronique Religieuse de Toulouse, referia, no tempo de Pio IX, um sábio e piedoso cardial romano os casos seguintes: «Um miseravel sectário, tendo ouvido o seu pároco ler a enciclica, encontrou-o pouco depois, e, mostrando-lhe um punhal, disse: isto é para vós, se voltais ao mesmo assunto. Em seguida, puxando por uma pistola, acrescentou: Quanto a esta arma, ha de ser para Pio IX. E, ao meter a pistola na algibeira, ela desfechou-se, e o infeliz caiu redondamente morto».

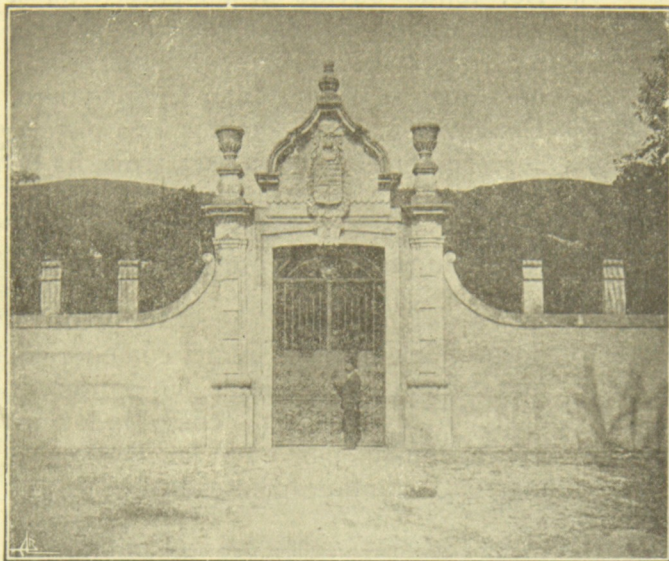
— «Uma actriz, que tinha recebido grandes aplausos numa comedia em que o Papa era insultado, ao entrar em casa, foi tomada dum acesso de loucura: atirou-se por uma janela fóra, e morreu instantaneamente».



VIEIRA DO MINHO — Outro aspecto da freguezia de Penedo

COMEMORA-SE este ano o cativoiro de Pio VII em Fontainebleau. Por tóda a França são recordadas as dactas do martirio, do vexame, da perseguição inflingidos ao Romano Pontifice pelo grande e pequeno homem que se chamou Napoleão Bonaparte, e dessas páginas negras de dôr colhem os vivos vigorosas lições de fé, de coragem e de inabalavel crença nos destinos triunfais da Igreja, assim como os coevos do esplendor e decadencia do Imperio sacaram dos factos presenciados belos temas de meditação sobre as inanes glorias do mundo!

Pio VII foi eleito Pontifice no Conclave de Veneza, em 14 de março de 1800, e pode dizer-se providencial o chamamento do bispo d'Imola ao Solio de S. Pedro. Durante o Conclave, a Austria opoz-se á candidatura



VIEIRA DO MINHO — Mosteiro — Portão principal da casa Cuquiera

Gerdil, alegando um pouco a hospitalidade que concedia á Curia, mas os vagares e demoras em pronunciar-se sobre o novo Papa, concorreram para a proclamação do cardeal Chiaramonti.

Este manifestára um espirito conciliador e moderado, muito aproveitavel e conveniente naqueles tempos de fremente procela revolucionaria em nome da liberdade. Citava-se até, em seu apoio, um trecho duma pastoral sua, a quando bispo d'Imola, no qual se dizia que a forma democratica não repugnava ao Evangelho e que ela exigia até as altas virtudes que só se aprendem e cultivam na escola de Jesus Cristo.

Quasi ao mesmo tempo, Napoleão dá

o golpe de Estado de 1799 e faz-se eleger primeiro consul, secundado por Cambacères e Lebrun.

Passêmos todo o periodo de discussões, de divisões em que se elabora a Concordata, todo o tempo da legação de Caprara; la-deêmos a celebre questão dos artigos organicos e afastemo-nos desse grupo de revolucionarios descontentes e de realistas intrataveis, católicos indisciplinados, que formam a *Pequena Egreja*, e ainda hoje levam uma vida apagadissima, em numero e qualidade, por Poitiers e Lyon.

Chegamos a 1804. O primeiro consul levado pelo seu sonho dinastico, ergue-se sobre a montanha dos tres milhões de sufragios dos seus compatriotas.

O Imperio nasce, e desde a sua madrugada até ao seu sol pôr, esbatido nas aguas da ilha d'Elba, e mais tarde inoitado nas ravinas de Waterloo, nós, ao estudarmos as vicissitudes do catolicismo em França, vêmos lado a lado, a figura humilde do velho bispo d'Imola e o busto truculento do corso Imperador; duma parte a intransigencia dos principios, afirmada pelo Pontifice, admiravelmente amparada por essa outra figura de diplomata inteligente e arguto que foi o Cardeal Consalvi; da outra, uma simpatia convencional pela religião católica que Fouché reputava um mal inevitavel, e sobre a qual o Imperador pretendia levantar, visinha do seu dominio pelas armas, a sua dominção sobre as consciencias.

«Ele fez a Concordata, escreveu Vandal, porque esse acto respondia ás suas ambições presentes, ás necessidades da sua politica pa-

cificadora, aos males contemporaneos, e porque na verdade querendo resolver o problema religioso que oprimia a França, ele não podia proceder doutra maneira».

Por duas vezes deixou Pio VII a capital do mundo católico para se encontrar com Napoleão.

A primeira vez foi por ocasião da sua coroação em Notre-Dame.

A 2 de novembro de 1804, o Pontifice, depois de vivamente solicitado, e de muita hesitação, deixou-se persuadir e partiu de Roma com um reduzido sequito de sete cardeais e alguns prelados, recebendo durante o trajecto inumeras ovações da parte dos fieis. Na floresta de Fontainebleau, o Impe-

rador recebe-o com uma negligencia affectada, diz d'Haussonville na sua admiravel obra. *A Igreja Romana e o Primeiro Imperio*, e referem testemunhas que essa orgulhosa cortezia do Imperador se fizera notar até no facto de este haver sido o primeiro a subir para a carruagem, «precedendo, ele o homem de hontem, o Pontifice de todos os séculos».

Funcionarios, cidadãos de todas as classes desfilavam ante o Papa que a todos cativava pela sua doçura.

A coroação foi marcada para o dia 2 de dezembro. Atravez, porém, de toda a extraordinaria pompa das cerimoniaes, com que Bonaparte queria tirar aos seus aulicos as derradeiras veleidades de o contradizêrem e infundir-lhes o prestigio do seu poderio, — sempre a mesma altivez transparece, o mesmo orgulho se patenteia. As mãos de Pio VII ficaram inuteis. No momento em que, segundo prescrevia o ceremonial, o Papa devia coroar Napoleão, este tomou a corôa e por suas mãos, a colocou na propria frente e em seguida na da imperatriz Josefina.

Era uma nova afronta ao desditoso Pontifice, a quem outras mais estavam reservadas.

O quadro celebre de David representa ás gerações atonitas o Pontifice sentado na sua cadeira de espaldar, simples testemunha duma scena para a qual fôra instantemente solicitado, mas em que afinal não intervinha senão com o prestigio da sua presença.

A magestade dos Papas de Roma, exclamava ha poucos mezes um ilustre conferente do Circulo Católico de Luxemburgo, velha de dezoito séculos cedia ante a nova magestade do primeiro Imperador dos francezes, e era forçoso reconhecer um indício de tempos futuros na insolencia desse garoto de Paris, trepando ás grades das Tuherias para ver passar o branco velhinho, sem se inclinar sob a sua mão abençoante: — «Se não recibes bem a benção dum Papa, diz-lhe este, recebe ao menos a de um velho; essa não faz mal!».

Pio VII ainda quiz pagar a sua condescendencia, obtendo do Imperador uma modificação aos chamados artigos organicos da Concordata, que oprimiam e vexavam o poder da Igreja. Tudo foi baldado.

Prestes a voltar para Roma, Napoleão, sonhando sempre com o seu *departamento do Tibre*, fez saber ao Papa, em ar de amea-

ça que estava na sua vontade, o prendê-lo ou não em Paris. «Tudo está prevenido, respondeu o Pontifice; antes de deixar a Italia, assinei uma abdicación regular; está nas mãos do cardeal Pignatelli, em Palermo, fôra do alcance do poder dos francezes. Em logar de um Papa, apenas vos restará nas mãos um monge chamado Barnabé Chiaramonti...»

O Imperador mantinha-se senhor da sua vontade, olhando o Papa desprezivelmente, irritado com as inequivocas provas de affecto e filial respeito que os parisienses tributavam ao seu hospede, entre as quais avultavam as retractações completas e penitentes dos bispos constitucionais.

O Papa regressa então a Roma pouco contente com o papel que acabava de desempenhar, preocupado com a opinião da Europa a seu respeito. Entra na cidade



NO MINHO — Uma malhada de centeio

a 16 de maio de 1805 e ainda ouve da multidão ironica o trocadilho então em voga:

*Par conservar la fede
Pio perdé la sede
Per conservar la sede
Pio perdé la fede!*

A Igreja de Notre-Dame fôra o seu pretorio...

* * *

A segunda vez que Pio VII saiu de Roma foi em 5 para 6 de julho de 1809.

(Continúa)

FRANCISCO VELOZO

Os spleens dos pretos são difficilmente curaveis, porquanto as suas idéas são mais negras do que as dos outros.

Coquelin Cadet.

A palavra foi dada ao homem; mas foi a mulher que dela se apoderou.

Talleyrand.

Não ha sociedade possivel, se ela não fôr fundada no respeito do poder pelos povos e dos povos pelo poder.

Lacordaire.

Um bom livro e um bom discurso podem proporcionar o bem, mas um bom exemplo fala mais eloquente ao coração.

Confucio.

Um governo habil é o que governa sem o emprego da força.

Vauvenargues.

A gloria é para o velho o que são os diamantes para uma mulher edosa; eles a enfeitam, mas não a embelezam.

Chateaubriand.

A luta é a condição do successo: o nosso adversario é o nosso auxiliar.

R. Peel.

Gosto dos camponezes: não teem bastante espirito para que possam raciocinar erradamente.

Montesquieu.

A fé democratica, como todos os géneros de fé, está exposta ás tentações: ha, por vezes, muito merito em perseverar nela.

E. Renan.

São os homens de bem que fazem o mundo.

Cuvillier-Fleury.

A canção é, como a baioneta, uma arma franceza.

J. Claretie.

A natureza só concedeu á mulher uma arma defensiva: a dissimulação.

Schopenhauer.

As verdades escritas só nos impressionam quando confirmam a nossa experiencia pessoal.

Dranmor.

Quando uma causa é justa, cumpre que cedo ou tarde ela triunfe.

J. Simon.

Os ricos são venturosos porque podem consolar.

Comtesse Diane.

A santificação do domingo

Em 1857, o veneravel ancião que então era bispo de Châlons, em França, conduzindo certo dia um visitante á sua catedral, fê-lo entrar numa capela lateral, e, mostrando-lhe uma pedra sepulcral, disse: «Eis aqui o tumulo que para mim tenho preparado, unica despeza pessoal que ousei fazer. As palavras que nele mandei gravar, são o único epitáfio que desejo». O estrangeiro inclinou-se para as ler. Eram só estas: «Lembrai-vos de santificar o dia do Senhor». Era tamanho o zelo que aquele santo Bispo tinha pelo dia do Senhor, que ainda depois da morte queria continuar a prègar o seu respeito.

COLEGIO DUBLIM

— Largo do Carmo -- BRAGA —

Para meninas internas

Semi-internas e externato

Instrução Primária e Curso Liceal

Plano, canto, desenho, pintura e flôres. Todos os trabalhos de agulha e arte aplicada. Pensão mensal para as internas 240\$00. Idade para admissão dos 7 aos 14 anos

Paramentaria, Sirgaria e Artigos Militares

DE

FRANCISCO PEREIRA VILELA

Antiga Casa

Ribeiro de Castro & Vilela

99, Rua do Souto, 101 — BRAGA

Telefone n.º 59

Secção de Igreja

Neste estabelecimento ha sempre feitos paramentos de todas as cores e mais alfaias pertencentes ao culto ; fazem-se bandeiras de todas as qualidades a ouro, seda ou pintura, mantos, frontais, palios, etc.

Secção Militar

Bonets de todas as qualidades, panos, galões, emblemas e botões para fardamentos militares e todas as corporações civis, musicas, etc.

FALAR NA



FOTO-CHIC

É DISCUTIR A MELHOR FOTOGRAFIA

Rua Candiço Reis, 87

BRAGA

A's SENHORAS

Leituras de sólida piedade

OBRAS de ISABEL LESEUR

Senhora da alta sociedade parisiense.

Santificou-se no estado de Matrimónio

A VIDA ESPIRITUAL

1 vol. 20,5×15, pp. 360. — Preço... 20\$00

E' uma colecção de pequenos tratados da vida espiritual, acomodados a diversos estados da alma e dirigidos a diversas pessoas em diferentes circunstâncias da vida. Precede-a uma Introdução escrita pelo seu próprio espôso convertido depois da sua morte, como ela o predissera e que, depois, se fez religioso dominicano.

JORNAL e PENSAMENTOS de cada dia

1 vol. 20,5×15,5, pp. 298. — Preço... 20\$00

Santificareis os dias da vossa existência se alimentardes a vossa alma com os pensamentos salutaes, curtos, mas cheios de substância que aqui deixou exarados uma alma tôda de Deus.

CARTAS A INCREDULOS

1 vol. 16,5×12 pp. 366. — Preço... 18\$00

A MULHER CRISTÃ

1 vol. 15,5×11,5, pp. 49. — Preço... 5\$00

Excelente para todos, mas sobretudo para as donzelas que começam a ver ante si o futuro da sua vida. Comprai-o, divulgai-o ; radicareis na juventude princípios sólidamente cristãos.

RETIRO MENSAL

1 vol. 15×10,5, pp. 61. — Preço... 5\$00

Quereis fazer bem o vosso retiro espiritual de tôdas as primeiras sextas-feiras ? Comprai êste livrinho e segui o método que, com grande fruto da sua alma, praticou M.^{me} Leseur.

A' venda na «Pax» — Livraria Litúrgica — BRAGA